



João de França Quixadá Universidade Federal do Ceará,
Fortaleza, CE, Brasil joaodefrancahistoria@gmail.com www.orcid.org/0009-0009-2169-2361

Os fanzines de heavy metal de Fortaleza em sua ruptura estética: uma análise histórica do objeto

RESUMO

Este trabalho busca compreender de que forma e por quais caminhos é possível analisar os jovens adeptos ao *heavy metal* – gênero derivado do *rock* – da década de 1980, enquanto desenvolvedores de modos de vida baseados em uma “ruptura estética” (Silva, 2015, p.168). Conceitua-se, em primeiro lugar, a ideia de estética enquanto “meio de afirmação do homem” (Debiazi, 2015, p.7) e sua ruptura pode ser identificada nos processos de recusa no ato de consumir os produtos estabelecidos pela indústria cultural. Ao entender o ato do consumo enquanto uma prática situada na última etapa do processo de produção, lança-se cabo dos fanzines de *heavy metal* da cidade de Fortaleza, no Ceará, da década de 1980 – estudando o informativo alternativo fortalezense do fã clube do gênero *True Metal's Fan Club* (1985) –, para analisar como essa mídia alternativa, feita com técnicas amadoras e sem pretensão de grande circulação, pode ser útil para o estudo historicamente situado acerca das produções das maneiras de viver que esses jovens procuravam realizar negociando com os produtos da indústria musical. Assim, conclui-se que os fanzines podem ser utilizados como umas das principais evidências históricas de que o cotidiano desses sujeitos poderia ser lido como (re)apropriações das representações lançadas para os próprios pela indústria. Tomando posse das tais, construíam seu dia-a-dia se afirmando a partir do rompimento estético com elas, dando a última palavra nesse caminho das representações acerca daqueles que eram ligados à música *heavy metal*.

Palavras-chave: Fanzine. Heavy metal. Ruptura estética.

Fortaleza's heavy metal fanzines in their aesthetic rupture: a historical analysis of the object.

ABSTRACT

This study seeks to understand how and through which paths it is possible to analyze young heavy metal enthusiasts – a genre derived from rock – in the 1980s, as developers of ways of life based on an “aesthetic rupture” (Silva, 2015, p.168). Firstly, the concept of aesthetics is defined as a “means of human affirmation” (Debiazi, 2015, p.7), and its rupture can be identified in the processes of rejection in the act of consuming products established by the culture industry. By understanding consumption as a practice situated in the final stage of the production process, this research examines heavy metal fanzines from the city of Fortaleza, in the state of Ceará, during the 1980s – specifically studying the alternative

newsletter of the local fan club True Metal's Fan Club (1985) – to analyze how this alternative media, produced with amateur techniques and without the intention of wide circulation, can be useful for a historically grounded study of the ways of life that these young people sought to create by negotiating with the products of the music industry. Thus, the conclusion is that fanzines can be used as one of the main historical pieces of evidence that the everyday lives of these individuals could be read as (re)appropriations of the representations projected onto them by the industry. By taking possession of such representations, they constructed their daily lives by asserting themselves through an aesthetic rupture with them, ultimately claiming the final word in the process of representation surrounding those connected to heavy metal music.

Keywords: Fanzine. Heavy Metal. Aesthetic rupture.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte do esforço provindo da pesquisa de mestrado do autor, a qual visa compreender como uma parcela da juventude da cidade de Fortaleza, no Ceará, utilizou da música pesada do *heavy metal*¹² para compor uma cultura diminuta e ordinária a partir dos meados dos anos 1980. Ao longo da pesquisa deparou-se com certas documentações que evidenciavam que houve uma tentativa consciente de formar e de inventar um certo modo de vida jovem³ baseado em uma “ruptura estética” (Silva, 2015, p. 168), recusando toda e qualquer música já feita, com exceção a deles. É o caso da documentação ligada ao universo dos fanzines.

Acrescenta-se que é útil pensarmos a estética conforme ela é compreendida por correntes de pensamento que a abordam sob a ótica das reflexões marxistas, como é o caso daquela que entende a arte como “meio de afirmação do homem” (Debiazi, 2013, p. 7). Ao romper esteticamente com a arte ao seu redor (a MPB, a lambada, o samba, o forró, a música *new wave*)⁴, essa comunidade aqui estudada não só rompia com suas obras, mas também com o que elas desejavam dizer, assim com suas formas e seus conteúdos. É preciso ter em mente que os jovens de Fortaleza ligados ao *heavy metal*, a partir disso, revisavam e (re)formavam seus valores, seus comportamentos, seus maneirismos, suas sociabilidades e, consequentemente, seus modos de vida.

Faz-se uso de uma leitura capaz de auxiliar na observação de tudo o que há de material nas práticas do dia-a-dia desses sujeitos, na qual não se pode atribuir a questão dos modos de vida como algo que surge naturalmente do espírito do homem para o cotidiano. Há de se pensar que todas essas revisões e (re)formulações dessas parcelas de jovens estudadas apenas existem pela relação deles com a materialidade, isto é: “Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material” (Marx; Engels, 2007, p. 87).

Os fanzines de *heavy metal* em Fortaleza na década de 1980, nesse sentido, são mistérios para entendermos como o meio de vida dos jovens adeptos à música pesada era traduzido nas suas vidas materiais. Os próprios poderiam ser entendidos⁵ como “revista[s]

¹ Gênero derivado do rock, caracterizando-se pela agressividade sonora por meio das letras e dos instrumentais. Tendo base de consumo, principalmente, nos EUA e no Reino Unido, tomou popularidade no Brasil ao início durante a década de 1980 (Silva, 2015).

² É por conta da agressividade sonora atribuída ao gênero que este trabalho adota, como sinônimo de *heavy metal*, o termo “música pesada”.

³ A ideia de “modo(s) de vida(s)” será trabalhada mais adiante.

⁴ Estilos musicais de forte circulação no meio social fortalezense dos anos 1980.

⁵ Exclusivamente no caso dos fanzines ligados ao *heavy metal*. Ver: Nascimento, José Eduardo Oliveira (2021).

alternativa[s]” (Nascimento, 2021, p. 151), que sem muito critério editorial, eram produzidas de forma amadora e artesanal “a partir de colagens, recortes e desenhos, com uma escrita manuscrita ou datilografada, com reprodução a partir do uso do mimeógrafo ou da xérox” (Castelo Branco, 2015, p. 741). Essas técnicas, dentro dos fanzines de *heavy metal*, significavam a burla que os fanzineiros⁶ efetivavam em cima das revistas de grande circulação que tratavam do universo do *rock*.

Isso porque essas colagens, recortes e desenhos são realocações de peças imagéticas e textuais (que compõem efetivamente a linguagem dos fanzines de *heavy metal*) que passam a circular não mais em um universo da indústria, mas sim dentro de uma lógica sub-reptícia da outra fase do ato de consumir.

É necessário entender o consumo enquanto ato, enquanto prática. O fanzine, então, é uma forma de identificarmos como esses sujeitos do *heavy metal*, na qualidade de consumidores desse produto, faziam efetivamente com ele⁷.

Dessa maneira, a ruptura estética que tentamos discutir, nasce da capacidade dos fanzines de serem representantes dessas ações de jovens que (re)significavam seu viver a partir de uma transformação material daquilo que consumiam.

2 FANZINES COMO PARTE DA PRODUÇÃO DOS MODOS DE VIDA DO HEAVY METAL

Procura-se entender os jovens adeptos ao *heavy metal* em Fortaleza nos anos 1980 a partir da concepção de produção da própria vida (Marx; Engels, 2007, p. 34). Essa produção pode ser encarada enquanto uma transformação da vida material desses sujeitos, entretanto, essa transformação ocorria nas maneiras de viver, ou melhor, nas formas de facear a relação material do dia-a-dia e, para isso, é mister não desconsiderar os lugares sociais dos tais. Nesse viés, é lógico considerar que os seus espaços na cidade e as construções das sociabilidades⁸ por esses jovens nela estavam diretamente ligados à reflexão acerca do lugar que essas parcelas das juventudes estavam no processo da produção.

Todavia, em uma inspeção mais cuidadosa, ao mesmo tempo que é basilar estudar a que classe pertenciam esses jovens do *heavy metal* de Fortaleza, é vital compreender de que

⁶ Título atribuído aos produtores de fanzines.

⁷ Para entender a prática do consumo, ver: Certeau, 2012, p. 39.

⁸ É útil, aqui, pensar sociabilidade como Baechler (1995, p. 65): aquela “[...] capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões [...]”.

maneira se desejou formar por eles, neste caso específico, uma cultura a qual seus praticantes se viam à parte da configuração social em que estavam inseridos, fazendo com que as suas práticas materiais não necessariamente revelassem a posição de cada sujeito nas relações de intercâmbio.

True Metal's Fan Club foi um fã clube de *heavy metal* de Fortaleza, Ceará, fundado por Joaquim Lucas Júnior e Francisco Jander Martins, que existiu entre os anos de 1984 e de 1985, tendo uma singela sede na rua Aquiles Beviláqua, 78. Um lugar como esse existia no circuito da música pesada da cidade como centro de trocas de materiais (fitas, discos, *patches*...) e de correspondências, assim como assinavam os fanzines⁹. Este último item será essencial para se compreender as questões supracitadas da introdução deste trabalho, já que se mostra fonte para estudar uma outra relação desses sujeitos com a vida material.

O primeiro fanzine do grupo, com data de julho/agosto de 1985, homônimo ao fã clube, explica seu nome logo no seu editorial¹⁰:

A razão do nosso nome explica-se pelo fato de estar havendo uma invasão de bandas pseudo-metálicas em nossa dimensão. Como sabemos, nós vivemos num planeta eminentemente capitalista, onde o dinheiro é o objetivo maior da vida. Por isso, nem o nosso universo particular foi respeitado pela ganância de algumas gravadoras, que patrocinam grupos com os mesmos ideais lucrativos e vêm no HEAVY METAL apenas um comércio vulgar e não uma bandeira a ser levantada (*True Metal's Fan Club*, Informativo nº 1, ano 1, 1985).

O trecho evidencia uma curiosa recusa dos editores em se identificar com a música de bandas populares, as quais eram encaradas enquanto financiadas por grandes gravadoras e visavam somente o lucro com a sua música. O capitalismo, por conta disso, era tratado como um sistema inimigo para eles, pois “corrompe” o tal *heavy metal* e o joga no mundo do capital. O fã clube do verdadeiro metal (*True Metal's Fan Club*) considerava as bandas populares do *rock* e do *heavy metal* como “pseudo-metálicas”. É interessante pensar que o *heavy metal* sempre foi vinculado ao seu envolvimento com a indústria musical (Friedlander, 2002, p.382), ou melhor, em um dos seus lugares de maior propagação, os Estados Unidos da América, uma das discussões, no seu auge – os meados da década de 1980 –, era justamente sobre se esse gênero de música poderia ser produzido industrialmente e direcionado aos

⁹ As informações acerca do *True Metal's Fan Club* se deram pela leitura dos fanzines publicados pelo próprio, adquiridos pelo autor a partir de coleções particulares durante o período de pesquisa de campo da sua dissertação, e pela entrevista a um dos editores do fanzine e dono da residência que se fazia sede, Joaquim Lucas Júnior, em 20 de maio de 2024.

¹⁰ Mesmo sendo uma revista alternativa, sua organização se baseava em revistas e em periódicos formais que circulavam em Fortaleza naquela época, como a revista argentina *Metal* (1984-1995), a revista para audiófilos *Somtrês* (1979-1989) e o fanzine *Rock Brigade* (1982-) que existiu como fã clube a partir de 1981 no estado de São Paulo, porém, à época do documento que estudamos aqui, existia como revista formal e periódica.

jovens ou não¹¹¹². Assim, é possível perceber que o *heavy metal* se fundamenta na sua relação com a indústria musical e que tem sua propagação, nesse raciocínio, porque vira produto para o capital.

Um jornal de grande circulação, Diário do Nordeste, em Fortaleza, Ceará, apontava em 1987, dois anos depois do lançamento do fanzine a seguinte contradição ao falar sobre os jovens ligados ao movimento da música pesada na cidade:

Há de se fazer uma distinção entre o verdadeiro-metal e o falso-metal. O verdadeiro não tem ligações com a indústria fonográfica (**e o Iron Maiden?**) nem faz amplo marketing do seu trabalho. Geralmente tocam para uma pequena legião de fãs e divulgam seu trabalho em boca em boca (Diário do Nordeste, 16 de fevereiro de 1987, Segundo Caderno, Variedades, p. 7) (Grifo nosso).

É notável, portanto, que essa discussão existia, perdurava e era contemporânea aos sentimentos apontados pelos editores da *True Metal's Fan Club*. Também há de se notar que essa distinção feita pelo jornal partia de uma noção dos próprios jovens do *heavy metal*, já que questionam sobre os britânicos do conjunto *Iron Maiden*. Banda esta que mesmo tendo um início com composições subversivas, ironizando agressivamente figuras como a primeira ministra Margaret Thatcher, logo se tornou um dos grupos mais frequentemente escutados do gênero e publicados ao redor do mundo, ao lado de bandas do movimento que se convencionou a chamar de *New Wave of British Heavy Metal* (NWBHM)¹³.

Apontada essa contradição no discurso do editorial, é útil analisar como ela se forma a partir do próprio fanzine.

Apesar de grandes e respeitáveis Grupos terem seus discos aqui, o nosso explorado País assiste, infelizmente, a uma invasão desenfreada de discos de grupelhos enquadrados no esquema citado acima. (...). Enquanto isso, grupos verdadeiramente autênticos e aclamados pelos Bangers 'lá de fora', continuam desconhecidos por uma boa parte de nós, **salvo por àqueles em condições de pagar uma alta grana por discos importados ou que podem conseguir gravações dos referidos plays** (*True Metal's Fan Club*, Informativo Nº01, ano 1, 1985) (Grifo nosso).

É perceptível que havia uma insatisfação acerca do acesso aos materiais. Podemos deduzir, a partir das questões postas em voga pelo fanzine em sua época, que as bandas

¹¹ Essa reflexão é provinda das investigações realizadas no documentário *Metal: a headbanger's Journey* de Sam Dunn, estreado no ano de 2006 e produzido pela *Momentum Pictures*.

¹² Em referência à tentativa do Parents Music Resource Center (PMRC), nos EUA, em 1985, de censurar a música heavy metal no país. O gênero era acusado de ser uma espécie de "epidemia satânica entre os adolescentes" (DUNN, 2006) e de estar associado a ideias de hedonismos, violências, ocultismos... Desse pânico moral, bandas como Mercyful Fate (Dinamarca), AC/DC (Austrália), Twisted Sister (EUA) e Black Sabbath (Inglaterra) foram obrigadas a lançar seus álbuns rotulados sob o selo *Parental Advisory*.

¹³ A título de exemplo: Tokyo Blade, Grim Reaper, Saxon, Def Leppard e entre outros.

populares de *heavy metal*, que saltavam para o circuito da música pop em geral, eram mais distribuídas, mais fáceis de serem acessadas, já que eram publicadas no Brasil. Enquanto a música do *heavy metal* no seu traço “verdadeiro”, isto é, para eles, aquele com os “[...] altos decibéis, guitarras com seus riffs cortantes e solos alucinantes [...] e os vocais agressivos” *True Metal’s Fan Club*, Informativo N°01, ano 1, 1985), ficavam, na sua maioria restritas aqueles que poderiam pagar mais caro no ato de importar no país de origem.

Para fazer parte do movimento dos jovens ligados ao *heavy metal*, de acordo com Joaquim Lucas Júnior, antigo fundador do True Metal’s Fan Club e editor do fanzine, o primeiro passo seria “ter material e conhecer” (Depoimento de Joaquim Lucas Júnior, 2024). Isso implica que ainda hoje o antigo autor do fanzine pensa que a relação do jovem com o movimento do *heavy metal* em Fortaleza partiria do contato que ele tem com sua produção material. Mas se o material produzido pelas grandes indústrias era de acessibilidade limitada, como isso funcionava nos meados dos anos 1980 na cidade?

A intencionalidade de ter “uma bandeira a ser levantada”, assim como propagar uma “ideologia metálica” (Depoimento de Joaquim Lucas Júnior, 2024) – mesmo que aparentemente abstrata e baseada em subjetividades como agressividade, subversão, liberdade e violência, dessas as quais poderiam e eram interpretadas de inúmeras maneiras pelos participantes do movimento –, procura conceber uma cultura jovem muito própria. Assim, entendendo “cultura” como sendo a forma como os grupos manejam a matéria-prima da sua existência social e material (Clarke *et al.*, 1975, p.10), a cultura dos jovens do *heavy metal* começa naquilo que eles podem ou não consumir e, conseqüentemente, naquilo que eles podem ou não produzir com aquilo que consomem.

Assim, o fanzine da *True Metal’s Fan Club* se comportava como uma verdadeira colcha de retalhos de toda a linguagem da música pesada que partia da indústria cultural e que terminava em seus consumidores. Era um informativo que tinha toda a sua composição editorial baseada em grandes revistas, mas por ser um fanzine, rompia esteticamente com ela e se aproveitava de seus conteúdos para verdadeiramente corrompê-los e lançar voz das suas próprias percepções. Portanto, esse fã-clube agenciava “[...] crítica e criativamente as práticas culturais cotidianas com as quais interpretam[vam] e constituem[iam] o mundo à sua volta” (Castelo Branco, 2015, p. 746) a partir dos fanzines. Para além da função de informativo, ele narrava as regras, os códigos, as permissões, as proibições, o legal, o ruim, o bonito e o feio,

em um sistema de linguagem que corria por “de baixo do chão” (pelo o *underground*¹⁴) da sociedade.

Correr por de baixo do chão da sociedade quer dizer recusar o que corre no chão dela. Essa metáfora serve para ajudar a concluir que essa “ruptura estética” dessa parcela de jovens de Fortaleza não acontecia somente no âmbito da aparência. Incluía ela, certamente, mas a adesão de novas roupas, de novos meios de comunicação e de, em suma, uma nova linguagem é uma recusa e, ao mesmo tempo, uma revisão do que foi consumido por eles. No caso do fanzine, se recusa e se revisa os jornais e as revistas como meio de comunicação principal. Esses jovens, dessa forma, se desviavam do cotidiano comum da cidade, e esse desvio acontecia por meio da inserção de um novo cotidiano desenvolvido por eles, propondo uma nova forma de vida baseada em uma ruptura que procurava produzir por meio do consumo – enquanto prática – eles próprios e, por que não, uma nova afirmação deles mesmos.

3 FANZINES COMO MEIO DE AFIRMAÇÃO DOS JOVENS DO HEAVY METAL

Nos meados dos anos 1980, o Brasil se via em um momento de abertura política e de transição para uma democracia depois de mais de duas décadas sob um regime ditatorial militar. Para as juventudes¹⁵ – não apenas de Fortaleza, mas do país –, “[...] identidade atitude e estilo então se confundiam e eram formas de afirmação social e modernidade [...]” (Napolitano, 2023, p. 127). A ascensão do neotribalismo ou das tribos urbanas, conforme Maffesoli (1998, p. 194), como sendo uma nova forma de organização nos múltiplos aldeamentos que se formam dentro de uma metrópole, a qual os grupos criam uma certa autonomia de existência como corpo social dentro de um todo, permitiu a existência de uma nova configuração cultural dos jovens: as subculturas juvenis.

Para não se distanciar da nossa discussão em torno da ruptura estética – uma vez que essa “afirmação social” (Napolitano, 2023, p. 127), se fundamenta no mesmo princípio do “meio de afirmação do homem” (Debiasi, 2013, p. 7) já discutido anteriormente –, é preciso, antes, deixar claro que essa discussão sobre as subculturas não é algo recente, mas vem tomando outras facetas no passar das últimas décadas. Primariamente, a ideia de subculturas nesse trabalho é baseada no estudo de Clarke *et al.* (1975), o qual toma como princípio a

¹⁴ *Underground* em Pacheco (2016) quer dizer o contrário do *mainstream*, este “ligado à ideia de pertencimento à Indústria Fonográfica ou mesmo à Indústria Cultural” (PACHECO, 2016, p.11), enquanto aquele tendo relação com uma cultura de produção autosuficiente, que não pretende retorno financeiro e que é destinado a circular “por de baixo” da sociedade.

¹⁵ Categoria redefinida a partir do pós-guerra e seus integrantes não mais vistos como apenas participantes de uma faixa-etária, mas constituidores de um novo grupo social (Napolitano, 2023, p. 7).

juventude inglesa dos anos 1950: tanto os jovens trabalhadores quanto os jovens de classe média se organizavam por meio da indumentária, das atividades, da procura pelo lazer e dos modos de vida, assim, eles respondiam ou solucionavam culturalmente aos problemas dados a eles pela sua posição e experiência na sua classe social. Diferentemente dos jovens da classe trabalhadora (“mods”, “teds”, “rockers”, “skin heads”), que eram vistos como “delinquentes” os jovens da classe média ligados aos movimentos de contracultura (“beats”, “hippies”) experimentavam a “desfiliação” da própria cultura – formando uma contracultura, também de grupos, também de jovens – no objetivo máximo de oferecer uma crise a autoridade (Clarke *et al.*, 1975, p. 62) do *establishment*.

Já Marcos Napolitano (2023) ao estudar a juventude brasileira nos anos 1980, utiliza o termo contracultura em uma abordagem mais geral, menos local, observando sua multiplicidade, no sentido de entender o conceito como atrelado aos múltiplos movimentos de grupos jovens depois do pós-guerra que negavam e revisavam os valores tradicionais da antiga sociedade Ocidental¹⁶. As subculturas juvenis foram realidade no Brasil nos anos 1980, inclusive a dos “metaleiros”¹⁷. O autor lembra que “[...] mesmo a juventude ‘bem-comportada’, que vivia sob as regras familiares e sociais, passou a abraçar algum dos estilos dessas subculturas” (Napolitano, 2023. p. 127).

¹⁶ Nesse sentido, podemos inferir que diferentemente de Clarke *et al* (1975), tanto os grupos de jovens “teds”, “mods”, “rockers” da classe trabalhadora inglesa, quanto os “hippies” de um modo geral, seriam movimentos contraculturais para Napolitano (2023).

¹⁷ Outra expressão que designa os adeptos ao *heavy metal*, de tom pejorativo nos anos 1980, mas que se popularizou após o festival de música Rock in Rio (1985), ocasião que o termo foi utilizado e divulgado pela Rede Globo em suas reportagens (Silva, 2015, p. 162).

Figura 1 – Xérox da capa da primeira edição do fanzine informativo True Metal's Fan Club, preto e branco, 1985.



Fonte: Acervo do autor.

Prestemos atenção à materialidade que compõe a imagem acima, voltando à primeira edição do fanzine do *True Metal's Fan Club* (1985), vemos que o arcabouço técnico que ronda a composição da revista alternativa girava em torno de uma mistura de variadas e diferentes técnicas, seja desenhos, seja colagens, seja a datilografia e seja os recortes de imagens surrupiados de mídias formais da indústria cultural¹⁸ as quais estabelecem outro significado neste documento¹⁹. Conforme De Certeau (2012, p.39),

[...] a presença e a circulação de uma representação (...) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.

Dessa maneira, a capa do fanzine analisado, apesar de ter sido um “roubo” das representações da indústria, em verdade, era ela mesma a representação dos sujeitos que a constituíram depois do ato do consumo, era a partir desse processo de ruptura e apropriação estética que eles afirmavam o que era *deles* e, conseqüentemente, o que eram *eles*.

¹⁸ Como é o caso da ilustração situada ao meio do documento.

¹⁹ Na figura 1, os sujeitos vistos na capa do fanzine pertencem ao conjunto estadunidense Metallica.

Além disso, a escrita datilografada sem critério ortográfico que se encontra na linguagem escrita dos fanzines, como também a numeração de páginas manuscrita e a distribuição da edição a partir das xérox em preto e branco, nos evidencia uma tentativa de barateamento tanto na produção, quanto nas vendas²⁰. Isso nos revela que os fanzines, para essa parcela de jovens de Fortaleza, tinham um sentido de ser um “elo de ligação de fãs de Heavy Metal” e essa troca de informações acontecia não só no circuito local, mas era direcionada para outras cidades do país (Silva, 2015, p. 143) por meio de trocas no correio. Assim, o barateamento da produção não estava ligado estritamente a condição social dos fanzineiros²¹, estava, entretanto, ligado a uma lógica tácita de grupo, em que todos pudessem estar inseridos nesse intercâmbio.

Em uma cultura que tem como um dos pilares “ter material e conhecer” (Depoimento de Joaquim Lucas Júnior, 2024), e em que discos importados e videocliques na televisão ainda não faziam parte do referencial material em que a maioria desses jovens que tinham no *heavy metal*, em Fortaleza, a sua identificação, os fanzines podem ser indícios de uma desfiliação, não no sentido da desfiliação dos jovens da contracultura, como afirma Clarke *et al.* (1975), baseada no abandono total dos antigos costumes tradicionais do Ocidente, mas no sentido, ainda fundamentado nesses autores, de uma recusa a essa cultura tradicional ligada à indústria cultural por aqueles que podem fazer uso dela.

Esse uso era realizado no ato de consumir, que era transformado no ato de produzir. A ruptura estética dos fanzines de *heavy metal* enquanto meio de afirmação de *si* se dava nesse processo de burla, na criação de um imaginário produzido sub-repticiamente por meio do uso de um imaginário construído industrialmente.

²⁰ É importante frisar que a reflexão acerca do “barateamento da produção” dos fanzines nasce da própria concepção do gênero. Como nos elucidava Castelo Branco (2015, p.745) “Algo assim tal como panfletos mais elaborados, os fanzines eram originalmente manuscritos ou datilografados e copiados para distribuição gratuita ou a valores de custo, dentro de um circuito razoavelmente fechado e voltado para um público específico e segmentado”. Os informativos alternativos produzidos pelo fã clube *True Metal's* estavam inseridos nesta realidade. Inclusive, ainda no ano de 1985, os editores do fanzine informaram na sua segunda edição que não seria possível continuar “editando os informativos”, uma vez que “discutimos todas as dívidas e chegamos a conclusão que, financeiramente, não temos a mínima condição de levar adiante esse peso (...)”, sendo apenas possível fazê-lo aumentando o preço do fanzine. Esse ato era encarado como “assaltar os HEADBANGERS” (*True Metal's Fan Club*, Informativo N°02, ano 1, 1985), optando por não o realizar. Essas considerações servem também para nos informar acerca da efemeridade de um gênero que desafia as lógicas de produção no capitalismo ao não visar, necessariamente, o lucro.

²¹ Joaquim Lucas Júnior (2024) lembra: “já o número dois, com certa experiência, nós nos dirigimos ao trabalho do Jander (...), cujo o pai é auditor da Receita Federal. Então o número dois, e último, foi datilografado no prédio da Receita Federal de Fortaleza”. Não só o depoente, o citado Francisco Jander Martins também, pertenciam à classe média da cidade.

4 CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, o trabalho lançou uma reflexão acerca de por que caminho podemos compreender o que foi entendido como “ruptura estética” dos jovens atrelados ao *heavy metal*. Para uma ponderação historicamente situada, optou-se por utilizar os fanzines²² dos jovens ligados à música pesada da cidade de Fortaleza, enquanto meios de comunicação alternativos destes grupos, para estudá-los afim de compreender que a relação material que detinham com o que consumiam pode revelar, e muito, o processo de afirmação de si próprios.

Nesse sentido, levando em consideração que o ato de consumo, neste trabalho, deve ser considerado uma prática, detendo um estatuto de atividade e não de passividade, em segundo lugar, tentou-se observar que a linguagem encontrada nessas mídias pequeninas²³ podia revelar uma tentativa de produção de um modo de vida a partir de negociações e de usos dos produtos da indústria cultural e musical ligada ao gênero *heavy metal*.

Em terceiro lugar, considerou-se que essas representações de si próprios encontradas nos fanzines, em verdade, poderiam ser lidas como (re)apropriações das representações lançadas para os próprios pela indústria. Ao tomar posse de como os representavam, materialmente construíam seu cotidiano – e o fanzine vem como uma das evidências disso –, dando a última palavra nesse caminho das representações acerca daqueles que eram ligados à música pesada.

Vale lembrar, por fim, que o presente trabalho também se preocupou com as relações entre lugar social (ou lugar na produção) e papel na produção dessa representação que nasce do ato do consumo, e pôde concluir que em uma cultura, como esta dos adeptos ao *heavy metal*, em que um sujeito para fazer verdadeiramente parte dela, deve “ter material e conhecer” (Depoimento de Joaquim Lucas Júnior, 2024), aqueles que não poderiam abundantemente estar consumindo os produtos da indústria – como os discos importados, as revistas de alto custo –, estavam cotidianamente consumindo a música pesada na forma da burla, do que era resultado deste consumo que acontecia “por baixo”. Ao qual, talvez, os fanzines de *heavy metal* podem nos ser a maior evidência.

²² Enquanto objeto para a história. Entretanto, enquanto fonte para este trabalho, fora utilizado somente a primeira edição (e a segunda edição em nota de rodapé) do informativo alternativo produzido pelos jovens do fã clube de *heavy metal True Metal's Fan Club* de 1985.

²³ A linguagem que era presente não só na datilografia, mas também na maneira amadora, artesanal e burlesca desses tipos de mídia.

REFERÊNCIAS

- Baechler, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (org.). *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 65-106.
- Castelo Branco, Edwar de Alencar. Mídias táticas: os fanzines como fontes para a pesquisa histórica. *Diálogos, Maringá*, v. 19, n.2, 2015. p. 741-762, 2015.
- Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- Clarke, John et al. Subcultures, cultures and class: a theoretical overview. In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (org.). *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. 1. ed. Londres: Hutchinson, 1975, p. 9-79.
- Debiazi, Marcia da Silva Magalhães. *Estética marxista e educação: formação para a emancipação humana*. 2013. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013.
- Diário do Nordeste. Metaleiros. Nem de Deus, nem do Diabo. *Diário do Nordeste*, Segundo Caderno, Variedades, Setor de Periódicos da Biblioteca Pública Estadual do Ceará, 16/02/1987.
- Dunn, Sam, *et al.* *Metal: a headbanger's journey*. Momentum Pictures, 2006.
- Friedlander, Paul. *Rock and roll: uma história social*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- Leão, Tom. *Heavy metal: guitarras em fúria*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- Lucas Júnior, Joaquim. Entrevista concedida no dia 20 de maio de 2024 a João de França Quixadá.
- Maffesoli, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- Marx, Karl; Engels, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- Napolitano, Marcos. *Juventude e Contracultura*. São Paulo: Contexto, 2023.
- Nascimento, José Eduardo Oliveira. *Fanzines: história e subjetividades em punkzines e heavyzines*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.
- Pacheco, Reubert. *Thrashnation: as representações do medo na imagética do thrash metal norte americano dos anos 1980*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.
- True Metal's Fan Club, Informativo N°01, ano 1, Acervo do Autor, 1985.

True Metal's Fan Club, Informativo N°02, ano 1, Acervo do Autor, 1985.

Silva, Wlisses. *Heavy Metal no Brasil: Ou uma breve história social* (década de 1980). São Paulo: Biblioteca24horas, 2015.

Informações Adicionais

<i>Biografia profissional</i>	João de França Quixadá é graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFC (PPGH/UFC), membro do Grupo de Pesquisa História do Crível: Teoria, História e Ficção e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
<i>Endereço para correspondência</i>	Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História. Avenida da Universidade, s/n, Bairro Benfica, Fortaleza, CE – Brasil. CEP: 66075900.
<i>Financiamento</i>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
<i>Conflito de interesse</i>	Nenhum conflito de interesse foi declarado.
<i>Contexto da pesquisa</i>	O artigo deriva do texto “Os fanzines de heavy metal de Fortaleza em sua ruptura estética: uma análise histórica do objeto Fortaleza” apresentado como trabalho final da disciplina “História Social: Abordagens e Perspectivas”, ministrada por Meize Regina de Lucena Lucas e Kleiton de Souza Moraes, no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará (PPGH/UFC), no ano de 2024.
<i>Preprint</i>	O artigo não é um preprint.
<i>Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais</i>	Os conteúdos subjacentes ao artigo estarão disponíveis sob demanda ao autor após a publicação devido ao fato de serem provindos de coleções privadas e/ou pessoais, ficando sobre controle do próprio.
<i>Método de avaliação</i>	Revisão por pares anônima dupla (Double anonymous peer review).
<i>Direitos autorais</i>	Copyright © 2025, Quixadá, João de França.
<i>Licença</i>	Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (Licença CC BY).
<i>Histórico editorial</i>	<i>Data de Submissão:</i> 08/01/2025 <i>Data de modificação:</i> 20/05/2025 <i>Data de aprovação:</i> 18/06/2025